



jornal da Reconstrução

Ano 1 | nº 4 | São Luiz do Paraitinga | 2ª quinzena / Abril de 2010

Audiências públicas mobilizam moradores

foto: Chínica Medeiros

Duas concorridas audiências públicas foram realizadas em São Luiz do Paraitinga nas últimas semanas – ambas na Praça da Matriz e com grande afluência de público – com o objetivo comum de levantar as dúvidas e esclarecer a população.

A primeira delas, na sexta-feira (9/4), tratou do patrimônio histórico e cultural da cidade e procurou explicar o que foi feito, o que falta fazer e o que ainda pode acontecer com os imóveis tombados da cidade. A outra, na segunda-feira seguinte (12/4), teve como tema a questão das enchentes e as possíveis soluções para um problema que, afora ter causado uma tragédia no início do ano, definitivamente passou a integrar a pauta de preocupações dos moradores do município.

Patrimônio cultural

Na primeira audiência, a mesa diretora esteve formada pelo professor José Xaides de Sampaio Alves, da Universidade Estadual Paulista (Unesp-Bauru), que conduziu os trabalhos, a prefeita Ana Lúcia Bilard Sicherle, a arquiteta Anna Beatriz Galvão, superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em São Paulo, e a presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), arquiteta Rovena Negreiros.

As representantes dos Iphan e do Condephaat discutiram sobre as medidas tomadas até o momento, explicaram o significado dos tombamentos realizados pelos órgãos que dirigem e os critérios a serem seguidos em casos de restauração, reforma ou reconstrução dos edifícios prejudicados pelas águas da enchente. A prefeita falou a respeito de diversos projetos em andamento no âmbito do Executivo municipal, da divulgação das tradições luizenses e da baixa arrecadação de impostos na cidade, principalmente no tocante ao Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), que este ano ainda não foi cobrado.

Ana Lúcia anunciou também os recursos destinados pelo Estado e pela União para execução de projetos no município. Informou que até o momento foram conquistados R\$ 15 milhões para obras de reparo e outras medidas de emergência. “Nada de novo poderá ser construído com essa verba. Vamos cuidar do Alto do Cruzeiro, construiremos 20 casas no bairro

Santa Terezinha, em terreno pertencente à Prefeitura, e tomaremos conta também das estradas e das pontes, pois são 730 quilômetros de vias rurais e há uma ponte danificada no Rio Acima”, explicou.

Bens imateriais

Anna Beatriz Galvão disse que o tombamento realizado pelo Iphan, embora em caráter provisório, compreende tanto os sítios arquitetônicos como todo o patrimônio cultural – como o saber musical, as festas (a do Divino Espírito Santo incluída) – e até o entorno paisagístico, agora também protegidos pela medida tomada pelo Ministério da Cultura. Disse ainda que o escritório do Iphan instalado em São Luiz tem como finalidade tornar mais ágil a aprovação de projetos de restauração das casas dos moradores.

De outra parte, Rovena Negreiros assinalou que o governo paulista destinou um total de R\$ 40 milhões para a proteção e recuperação do patrimônio histórico do Estado e que, embora o Condephaat não peça prova de propriedade para a aprovação de projetos, os órgãos financiadores exigem que a documentação do imóvel esteja em dia para conceder empréstimos para a reconstrução.

As principais perguntas dos munícipes giraram em torno dos recursos para recuperação e reforma dos casarões particulares tombados. Anna Beatriz explicou que há a intenção do Iphan e do Condephaat bancarem a elaboração de projetos.

Questionada se o tombamento feito pelo Iphan também protegeria as fazendas antigas existentes no município, Anna Beatriz disse que será contratada uma empresa para realizar um mapeamento de todo patrimônio material e imaterial de São Luiz, aí incluídos os bens culturais da zona rural.

Patrimônio municipal

Ana Lúcia voltou à questão da documentação necessária para se pleitear financiamento para reformas, e disse acreditar que os casarões do Centro



Diálogo e prestação de contas: o diferencial é a participação organizada da comunidade

Histórico já possuem a documentação básica. “Acho que os casarões estão com a documentação em dia. Se estiver faltando algo, peço que liguem na Prefeitura para arrumarmos o necessário, pois só assim poderão conseguir financiamento”, disse a prefeita. Ela assinalou ainda que “em Catuçaba o problema é mais grave: as residências, em sua maioria, não têm documentos”.

Houve uma sugestão do público no sentido da criação de algum material didático para que as escolas expliquem aos alunos o que cada casa da cidade representa, pois este seria um princípio educativo importante para a formação e preservação dos valores culturais da comunidade luizense. A prefeita explicou que já existe um trabalho, realizado em conjunto com a Universidade de Taubaté, que prevê o uso de material didático que reforce a compreensão do caráter histórico e cultural do município. “O trabalho está pronto, mas ainda não foi publicado. A ideia é distribuí-lo em todas as residências do município, pois precisamos que cada morador se sinta inserido na história da sua cidade.”

Após questionamento relacionado à construção de uma biblioteca e de um cinema, Ana Lúcia explicou alguns dos projetos de construção e reformas preparados para a cidade. A bibliote-

ca, segundo ela, será construída pela Secretaria de Estado da Cultura, em conjunto com o Ministério da Cultura; quanto ao cinema, disse estar com dificuldade em encontrar um lugar adequado para implantar o projeto.

A prefeita mencionou ainda as obras emergenciais de contenção, como os cortes nos morros e as intervenções nas encostas da Rua do Carvalho, explicando que todos os cortes e movimentações de terra são aprovados pela Secretaria de Meio Ambiente do Estado. O novo conjunto habitacional, por exemplo, está sendo construído em local já previsto no Plano Diretor do município.

Ana Lúcia comentou os problemas ocorridos na Casa Oswaldo Cruz, que recentemente foi prejudicada por uma infiltração causada pela chuva. “Parte da casa estava destelhada e a taipa depende de uma cobertura para resistir à chuva. O que aconteceu ali é recuperável. Existe projeto para criar uma nova proteção para a casa, já em andamento”, informou. Ela lembrou que em 2009 houve a intenção de reparar a casa, mas como o imóvel não pertencia ao município, não foi possível realizar a obra. Agora, a Casa Oswaldo Cruz pertence ao patrimônio da cidade. [Na pág. 2, matéria sobre a audiência pública que tratou da enchente.]

Editorial

Às claras

O desastre causado pela enchente não foi pequeno, suas consequências são bem visíveis e as marcas ficarão para sempre – senão no patrimônio material luizense, certamente na alma dos moradores da cidade. Apesar do drama vivido por todos, e malgrado a experiência doída do difícil recomeço, o que por aqui se viu nos últimos quatro meses foram exemplos eloquentes de solidariedade e de superação. A cidade já respira e a economia vai se recuperando aos poucos, embora todos saibamos que há muito chão pela frente. Será um processo longo até que tudo se recomponha e São Luiz possa reencontrar sua vocação de cidade histórica voltada para o turismo sustentável, que preserve sua identidade cultural, respeite e proteja o meio ambiente e garanta boa qualidade de vida para os habitantes do município.

A travessia está apenas no início, mas convém registrar que ela começou sob o signo da transparência – e este é um bom sinal. As decisões que importam têm sido tomadas às claras, envolvendo o poder público, as organizações da sociedade civil e a comunidade no árduo desafio da reconstrução. É um cenário onde não há lugar para a demagogia nem para os interesses mesquinhos. Em nome de uma cidade melhor, o foco deverá estar na sustentabilidade, no interesse público e no bem coletivo. Este é o círculo virtuoso do qual não podemos abrir mão. Nunca.

Expediente

Editor: Luiz Egypto de Cerqueira

Secretária de redação: Ângela Loures

Chefe de reportagem: Judas Tadeu de Campos

Arte e diagramação: Renata Maria Monteiro

Alunos voluntários: Maria Clara de Carvalho, Felipe Guerra, Pedro Funchal (reportagem); Vanessa Cunha (reportagem e diagramação)

Colaboradores: Chinica Medeiros, Darly Gonçalves, Nana Vieira

Apoio: Câmara Municipal de Taubaté

O *Jornal da Reconstrução* é um projeto de extensão do Deptº de Comunicação Social da UNITAU e órgão informativo da Câmara de Desenvolvimento Socioeconômico de São Luiz do Paraitinga.

Fale conosco: jornaldareconstrucao@gmail.com

Coordenadores:

Edson Wanderley Alves (UNITAU); José Xaides de Sampaio Neves (UNESP-Bauru); Maurício Delamaro (UNESP-Guaratinguetá)

Jornalista Responsável: Ângela Loures
MTB 173/01/87v DRT-MS

Tiragem: 2.000 exemplares



Apoio gráfico

imprensaoficial

As enchentes em discussão

foto: Chinica Medeiros



Manoel Monteiro (esq.), Ana Lúcia, Kokei Uehara e Marli Reis: o diagnóstico e as medidas de prevenção

ção do município, inclusive a assessoria municipal de Planejamento, com o intuito de facilitar o fluxo das ações.

Defesa Civil

A engenheira Marli Reis disse que os trabalhos do DAEE concluíram a fase da pesquisa de campo e estão agora na etapa de estudo de dados e elaboração de relatórios. Ela fez uma longa apresentação, apoiada em fotos e tabelas, para explicar as causas e os efeitos da enchente na bacia do Rio Paraitinga. Anunciou ainda a destinação, pelo governo do Estado, de uma verba de R\$ 924 mil para contratação de empresa especializada na instala-

ção de um sistema de alerta que permita avisar os moradores do município, com uma antecedência segura, no caso da ocorrência de novas enchentes.

A diretora do DAEE não descartou a possibilidade de construção de pequenas barragens a montante do Rio Paraitinga, que teriam o objetivo de conter as águas e ainda poderiam ser aproveitadas para fins turísticos e de geração de energia elétrica. Embora essa medida tivesse sido endossada pela exposição pelo professor Kokei Uehara, a ideia provocou controvérsias entre os participantes da audiência. Houve mais de uma sugestão no sentido de que, se alternativa tornasse mesmo necessária, que seja a última opção a ser considerada para a regularização das águas do Paraitinga, diante das implicações econômicas, ambientais e sociais que poderá acarretar.

Uma intervenção que entusiasmou os participantes foi a do procurador de Justiça Ricardo Navarro, que vem atuando nos trabalhos de reconstrução de São Luiz. Ele fez um apelo enfático para que a Prefeitura promova um concurso e a capacitação de um corpo permanente e profissionalizado de funcionários da Defesa Civil local. Isso, no seu entendimento, é uma ação necessária e urgente para que possa haver um atendimento rápido e sem atropelos, no caso de novo desastre natural.

foto: Chinica Medeiros



José Xaides (esq.), Anna Beatriz, Ana Lúcia e Rovena Negreiros: informações e esclarecimentos sobre o patrimônio histórico

Os caminhos da zona rural

A enchente do início do ano deixou marcas na zona rural de São Luiz do Paraitinga. As estradas ficaram intransitáveis, o que dificultou o acesso de moradores dos bairros ao centro urbano. Dentre as vicinais que margeiam o Rio Paraitinga estão as estradas dos bairros do Rio Acima, dos Pimentas e do Rio Abaixo; na região da bacia do Rio do Chapéu, encontram-se as estradas dos bairros do Pinga, Chapéu Grande, Oriente, Bairrinho, Barra e Selado. Também ficaram obstruídas as estradas que vão em direção aos bairros de Santa Cruz do Rio Abaixo – onde houve um desmoronamento que resultou em um caso de morte – e do Bom Retiro.

Perto de 3.500 pessoas, ou algo como

um terço da população do município, foram prejudicadas por não poderem se locomover para a cidade. As estradas estavam destruídas. Com a ajuda da Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo (Codasp), foram montadas frentes de trabalho utilizando equipamentos pesados. Mesmo assim, demorou de 20 a 30 dias para que a população isolada tivesse acesso facilitado ao centro da cidade. “Hoje, em todos os lugares já chegam carros”, informou Donizete José Galhardo, diretor de Agricultura e Abastecimento do município.

Desafio possível

Segundo Donizete, passado o período mais crítico, a Prefeitura pretende reconstruir todas as estradas danifica-

das. As frentes de trabalho estão terminando a recuperação das estradas dos bairros do Chapéu e de Santa Cruz do Rio Abaixo; estão em andamento também as obras nas estradas dos bairros do Bom Retiro e do Pinga. O funcionário antecipou que as próximas ações se darão no Bairrinho e, depois, no bairro do Pamonã.

As principais dificuldades são as chuvas. “A gente trabalha dois, três dias na recuperação da estrada, vem uma chuva e perdemos todo o serviço”, diz Donizete. “Ainda temos cerca de 150 quilômetros para ser recuperados.” O objetivo é vencer o desafio da reconstrução em dois meses, com a ajuda de mais equipamentos.

A casa dos velhos (e bons) costumes

O Mercado Municipal de São Luiz do Paraitinga foi construído em 1885, quando o município ainda era um grande produtor de alimentos. Em 1902, o prédio foi reformado e ganhou as formas arquitetônicas que conserva até hoje, sendo considerado um dos símbolos da cidade. Como a Matriz, onde foram celebrados milhares de casamentos e tantos outros atos religiosos dos moradores do município, o Mercado é frequentado por pessoas que mantêm os mesmos costumes há décadas, seja o de fazer compras, encontrar os amigos, jogar uma partida de truco ou simplesmente conversar.

Os moradores antigos de São Luiz contam que o Mercado era o local mais frequentado da cidade, principalmente aos sábados, quando recebia muitas pessoas da zona rural para ali vender sua produção de alimentos e artesanatos feitos de barro, taboa, taquara e outros materiais colhidos na Mata Atlântica. Era também naquele espaço que os fazendeiros e sitiantes entabulavam seus negócios, além de servir de local de encontro para os casais de namorados. E ao redor desse edifício centenário ficavam as casas comerciais mais populares.

Comidas típicas

Tereza Mota, de 70 anos, não aguentava esperar o Mercado reabrir. “Eu sempre vim aqui bater papo, trabalhar e tomar um café com leite”, diz ela. “Enquanto o Mercado não voltava à sua rotina, eu vinha fiscalizar a limpeza do lugar”, afirma. “O Mercado é um símbolo da cidade. As pessoas vêm de longe só para conhecer o local e comer um pastel de farinha.”

O pastel de farinha, também conhecido como pastel caipira ou pastel de angu, é tradicionalmente vendido no Mercado há muitos e muitos anos. Por menos de 2 reais é possível tomar um café e comer um bom pastel. Essa e outras guloseimas tradicionais, como o afogado – um cozido à base de carne bovina – podem ser encontradas nos restaurantes que voltaram a funcionar sob o teto do Mercado.

O músico Sílvio Carlos da Silva, que não dispensa um pastel de farinha, elegeu o Mercado como o ponto mais importante da cidade. “O Mercado é o coração da cidade”, diz ele. “Moro aqui há cinco anos, conheço a cidade há 27, e sempre frequentei o lugar. É lá que você pode sentar em uma roda de viola, prostrar e obter informações, além de escolher e comprar verduras e carne. Os vendedores te tratam como amigo”, diz ele.

Nas imediações do Mercado Municipal agora se concentram os açougues de São Luiz. Neles é possível encontrar produtos para a preparação de pratos tradicionais, como a linguiça, o toucinho que pode dar um suculento torresmo, o cambito e o suã – todos originários do porco, a carne preferida da alimentação do caipira.

Jogos

No meio de uma roda de velhos amigos, nota-se outro costume de quem frequenta o local: os jogos. Antonio Lobo, morador da zona rural, vai ao Mercado nos fins de semana para fazer compras, conversar e jogar. Ele e os amigos se divertem com um jogo de adivinhação de objetos que

cada um tem na mão. “Esse jogo não tem nome. Pode chamar de ‘diversão de véio’. É o que fazemos aqui. Compramos alguma coisa, brincamos um pouco e vamos embora.”

do apogeu da cultura do café – que fez a riqueza das cidades da região, na segunda metade do século 19.

Com toda a água que quase arrasou o Centro Histórico de São Luiz, a antiga

foto: Chinica Mdeiros



O coração do Mercado Municipal volta a pulsar: vida que segue

Jogos de baralho e de palitos também são comuns no Mercado, que nos fins de semana recebe jogadores veteranos. “São vários anos jogando baralho e palitos”, afirma Benedito Pereira, o “Dito Marcos”, de 73 anos, que frequenta o Mercado desde os 8. “Sou o jogador de palitos mais velho por aqui.”

Arquitetura e tradição

O Mercado Municipal é importante também pela sua arquitetura. As grossas paredes de taipa de pilão, a simetria de seus corredores e as belas arcadas que rodeiam o grande pátio interno formam um conjunto bem representativo da beleza e do estilo de construção da época

construção resistiu bravamente. Um trabalho de restauração, realizado em 2003, contribuiu para a sustentação do Mercado – como informou Natalia Moradei, diretora de Obras da Prefeitura. “Agora é preciso realizar trabalhos de pintura, recolocação de telhas e reparo nos banheiros, serviços pelos quais a Secretaria de Estado da Cultura se responsabilizou”, diz Natália. “Acredito que até a Festa do Divino tudo terá sido concluído.”

Os frequentadores do Mercado Municipal ouvidos pelo JR se disseram muito satisfeitos pelo fato de o local não ter ruído com a enchente. A sobrevivência do Mercado garantiu a manutenção de antigos costumes luizenses.

Para longe do perigo

Em razão das fortes chuvas do início do ano, mais de 80 famílias tiveram que ser retiradas das áreas consideradas de risco para a população, principalmente no Alto do Cruzeiro. Pessoas que moram próximo a esses locais também estão preocupadas com possíveis deslizamentos que possam atingir suas residências.

De acordo com Cristiane Bittencourt, assessora de Planejamento da Prefeitura de São Luiz, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) continua trabalhando no levantamento das áreas “com potencial para geração de escorregamento”, para se certificar quais as que efetivamente apresentam risco à população.

A área do Alto do Cruzeiro causou muita preocupação durante o período das chuvas intensas. Além de pontos de deslizamento, a chuvarada provocou uma fenda na altura da Rua Benedito Pires da Rocha, também conhecida como Rua do Tejinho.

Segundo Marleide Rocha, dire-

tora do Departamento Social da Prefeitura, são 38 as famílias que não puderam voltar às suas casas e estão abrigadas em locais provisórios: 17 ficam na Pousada Primavera, 6 na creche Casa da Criança, 3 em uma casa alugada e outras 12 residindo nas casas de parentes e amigos.

Cristina Toledo, assessora do Serviço e Desenvolvimento Social, informa que em fevereiro foram pagos 308 au-

xílios-moradia relativos aos três primeiros meses do ano. Já nos dias 13 e 14 de abril, foram pagos 256 auxílios referentes ao mês de abril. A diferença no número de pagamentos deve-se ao fato de que algumas pessoas já voltaram para suas casas e perderam o direito ao benefício. De todo modo, ainda segundo Cristina, há outras 60 famílias cadastradas para entrar no programa a partir de abril; e todas elas, inclusive as primeiras beneficiadas, terão direito a receber recursos do programa Novo Começo, do governo estadual, em uma parcela única de R\$ 1 mil.

A Prefeitura estuda a possibilidade de realizar obras em algumas áreas de risco para que mais pessoas possam retornar às suas residências. Se não houver essa

opção, as famílias desabrigadas serão realocadas no novo conjunto habitacional que está sendo construído pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), próximo ao bairro de São Benedito.

Pontos de atenção

Estas são as áreas de risco identificadas no centro urbano:

** Várzea dos Passarinhos – Via de Acesso Vereador José Pinto de Souza (margem do rio);

** Várzea dos Passarinhos – encosta da Via de Acesso Vereador José Pinto de Souza (sentido centro da cidade);

** Alguns pontos da Rua Deputado Antonio Silvio da Cunha Bueno;

** Rua do Carvalho;

** Encosta da Via de Acesso João Roman;

** Talude no bairro Verdeperto, no final da Rua Luiz dos Santos;

** Alto do Cruzeiro, na Vela do Emílio e ruas Manoel Paulino César e Luiz de Aguiar;

** Rua Bernardo Joaquim Dias (próximo ao campo de futebol) e Rua Sebastião Pinto Figueira (casas populares).

foto: Vanessa Cunha



Obras de contenção às margens do Rio Paraitinga, na Várzea dos Passarinhos

Prontos para festejar o Divino

foto: Nana Vieira

A tradicional festa do Divino Espírito Santo em São Luiz do Paraitinga será realizada entre os dias 14 e 22 de maio – e os responsáveis por sua organização estão em plena atividade. Neste ano, que começou cheio de desafios para os moradores da cidade, a festa é aguardada com uma expectativa toda especial.

A festividade religiosa é marcada por novenas, missas e procissões que envolvem praticamente toda a população. Há também manifestações folclóricas como danças de moçambique, congada, cavalhada e dança das fitas, além da distribuição do famoso afogado.

Como reza o costume secular, a festa é organizada anualmente por uma família luizense conhecedora das práticas religiosas e culturais da comunidade. O festeiro, encarregado de fazer com que tudo corra bem, tem como uma de suas principais funções administrar a arrecadação de donativos. Neste ano – atípico devido à ocorrência de um desastre em janeiro – o festeiro é Antonio Galvão Sales, morador do bairro do Rio Acima, que por diversas vezes já abrigou a Bandeira do Divino em sua casa.

Para organizar a coleta das prendas e reunir doações para a festa, Antonio Sales, que é também vereador, convocou cinco foliões para peregrinarem por 10 meses em todos os bairros de São Luiz e por alguns municípios vizinhos. É nas caminhadas da Folia do Divino que se pode medir a devoção

dos moradores: eles abrem as portas de suas casas para a entrada da bandeira e, após a cantoria, o estandarte sagrado é levado a todos os cômodos da residência.

Antonio conta que a arrecadação começou já no ano passado, mas teve de ser interrompida durante todo o mês de janeiro em razão das chuvas que atingiram São Luiz. “Depois da inundação, pensei em realizar a festa apenas com a cerimônia religiosa e não servir o afogado”, lembrou o festeiro. “Mas, com o apoio do pároco local e da comunidade, a tradição será mantida”, garantiu.

Mesmo assim, um problema enfrentado pelos fiéis na hora de reunir os donativos para a festa têm sido as condições de locomoção na zona rural do município, devido ao estado ainda precário das estradas danificadas pelas chuvas. Mas, segundo o festeiro, as dificuldades têm sido superadas pelo comprometimento dos moradores, que superaram esses impasses com muita solidariedade e fé.

União e devoção

Os fiéis recolhem os produtos alimentícios que serão utilizados para o preparo dos doces e do afogado, prato típico muito apreciado pela população e pelos turistas. Neste ano, o afogado será servido nos dias 15 e 22 de maio, no Mercado Municipal.

Antiga tradição deixada pelos tropeiros, o afogado é um prato à base

de carne de boi. É servido com farinha de mandioca, batata e arroz. O preparo é feito por cozinheiros voluntários, que trabalham em grandes tachos colocados sobre fogões a lenha montados no chão. A comida simboliza a crença no Divino Espírito Santo e tem sua origem na própria Bíblia: o livro do Levítico fala na distribuição de comida gratuita ao povo por ocasião da festa de Pentecostes – que comemorava, no Antigo Testamento, a outorga dos Dez Mandamentos.

Como todos os anos, as prendas que sobram e o dinheiro que não for gasto com a produção da festa serão doados à paróquia da cidade. O festeiro Antonio Sales afirma que tanto na cidade como nos bairros da zona rural do município as doações têm chegado na quantidade necessária, mesmo com a interrupção do primeiro mês de 2010. A festa já tem um bom estoque de carne, feijão, macarrão e batata, além de outras prendas.

A comemoração religiosa, que faz parte do calendário oficial de São Luiz do Paraitinga, tem um significado profundo para cultura local. Neste 2010,



A tradição está mantida: a comunidade se organiza para a Festa do Divino

a fé e a devoção da comunidade deverão ser redobradas. Será uma resposta de união e de solidariedade ao desastre natural que se abateu sobre o município.

fique ligado

O filho bem-vindo

O professor Aziz Ab'Saber, de 85 anos, reconhecido nos meios acadêmicos como um mestre da geografia e um dos filhos mais ilustres de São Luiz do Paraitinga, visitou a cidade entre a tarde e a noite fria do sábado, dia 10/4. Devido a problemas de saúde, esta foi sua primeira viagem à cidade natal depois da catástrofe ocorrida em janeiro.

O professor estava forte e disposto. Observou os desenhos e frases dos alunos da Escola Municipal Waldemar Rodrigues, que deram vida ao tapume que cerca a Igreja Matriz. Caminhou lentamente pelas ruas, atentando para a altura das marcas que a água deixou nas paredes das casas. Trouxe cinco livros de sua autoria para entregar à prefeita Ana Lúcia Bilard e ajudar na recomposição da nova biblioteca. “Esses livros são apenas simbólicos. Trarei outros”, disse ele. “Ainda voltarei para conversar pessoalmente com a prefeita e tratar de algumas ideias.” O professor sabe que aqui ele é sempre bem-vindo.

Aziz Ab'Saber: o bom filho à casa torna

Casa Oswaldo Cruz

Enquanto todos os esforços dos moradores de São Luiz se mantinham dirigidos para os trabalhos de recuperação da cidade, a terça-feira (6/4) trouxe uma má notícia. Naquele dia, ruiu parte de uma parede frontal e do telhado da casa onde nasceu, em 1872, o médico sanitariano Oswaldo Cruz. O imóvel, construído em 1834, foi tombado pelo Iphan em 1956 e pelo Condephaat, em 1973.

Desde janeiro, técnicos dos dois órgãos usavam a casa como base de trabalho. Também por esse motivo, não foram poucos os moradores que estranharam o fato de o acidente não ter sido evitado por medidas de prevenção. “Estão brincando com nossa história”, disse o comerciante Pedro Moradei ao jornal *O Estado de S. Paulo* (11/4). À mesma reportagem, o arquiteto Paulo Sérgio Galeão, do Iphan, afirmou que “não podem jogar a culpa na gente”, argumentando que se trata de “uma culpa conjunta”. Segundo ele, “esse prédio não deteriorou apenas nos últimos dois meses”. É, pode ser.

O tempo não pára

“O homem não tem porto, o tempo não tem praia / Ele escoia, e nós passamos” (Alphonse de Lamartine 1790-1869). Leia a seguir a transcrição da ata da cápsula do tempo (foto) datada de 1928, encontrada por técnicos do Iphan durante a remoção e classificação dos escombros da Igreja Matriz de São Luiz do Paraitinga. Foi mantida a grafia original.

Reprodução: Iphan



Testemunho de luizenses dos anos 1920: trabalho e fé

Acta de encerramento deste livro.

Aos seis dias do mês de fevereiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e vinte oito pelas doze horas na igreja Matriz desta cidade de São Luiz do Parahytinga presente o Rev. mo padre Ignacio Gioia vigário desta Parochia e por sua ordem autoriza que nessa igreja ficasse archivado para



Estragos no prédio centenário: melhor prevenir que remediar

que os futuros encontrasse este calendário da atualidade do corrente anno constatando de tudo que nela contem pedindo a quem esse encontrar fazer público tudo o que aqui existe para engrandecimento desta terra natal. Nesse mesmo, vai assignado por mim encarregado e o Rev. mo padre o empreiteiro e seus auxiliares aqui presentes. Nada mais havendo a desejar encerro, pedindo a este encontrado uma missa pelas almas deste aqui presentes, digo desses nomes aqui transcriptos. São Luiz 6 de fevereiro de 1928.

[Seguem-se as assinaturas do vigário, do encarregado, do empreiteiro, os pedreiros, os serventes e “os nomes aqui presentes no momento”]